

PARA
ADULTOS

EDICÃO MARAVILHOSA-95

Nº 95 • NOVEMBRO 1954 Cr. \$ 5,00

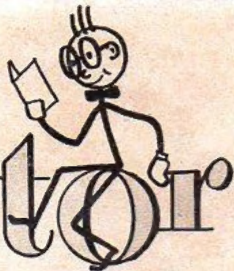
Edição **EXTRA** Maravilhosa



**JOSE' DE
ALENCAR**

O SERTANEJO

Conversa do Diretor



UM leitor das revistas desta Editora, o jovem Tercílio Goes da Silva, da Av. Joana Angélica, Salvador, Ba., escreve-nos para protestar contra a publicação que certa revista de seleções estrangeiras fez, no mês de setembro, de um artigo intitulado "Roteiro para a delinquência".

"Imagine o prezado diretor — diz o Tercílio — que o escritor é norte-americano e cita casos em que as histórias em quadrinhos transformaram jovens em malfetores. Diz também que nenhum menino que leu um clássico em quadrinhos, se interessou, mais tarde, em ler o próprio romance. Eu acho que o autor desse artigo pode estar certo lá nos Estados Unidos, mas aqui no Brasil as boas revistas em quadrinhos desenvolvem o interesse pela leitura e até pelos estudos. Acho também que o autor de "Roteiro para a delinquência" nunca pegou uma revista da Editora Brasil-América".

SÃO frequentes os ataques, em todo o mundo, às histórias em quadrinhos. A acreditar no que dizem delas muitas pessoas, são as histórias em quadrinhos as únicas responsáveis por todos os roubos, todos os crimes de morte, todos os suicídios; pelos assaltos à mão armada, e até pelas guerras. Esquecem-se essas pessoas (que às vezes se fazem passar gratuitamente por "autoridades" no assunto) de que, antes da existência das histórias em quadrinhos já havia roubos, crimes de morte, suicídios, assaltos à mão armada, fumadores de ópio, e, até mesmo, guerras...

Um dos fatos mais curiosos é que as histórias em quadrinhos são, sempre, atacadas em geral — "as histórias em quadrinhos não prestam"; "as histórias em quadrinhos fazem mal às crianças"; "as histórias em quadrinhos deseducam". Isso dizem aqueles que jamais pensariam em dizer: "Os remédios viciam" (pois não é o ópio um remédio, assim como a penicilina ou o iodo?) ou "a pintura é imoral" (não há quadros de grande imoralidade?) ou "a literatura deve ser abolida, por ser indecente" (quantos livros altamente imorais têm sido publicados?). Realmente, há remédios que, usados indevidamente, viciam. Há quadros imorais. Há livros indecentes. E também há histórias em quadrinhos que não prestam e que podem, realmente, exercer má influência em quem as ler — seja o leitor criança ou adulto. E são justamente essas más histórias em quadrinhos que lançam sobre todas as outras a pecha de "perigosas", "imorais", ou "prejudiciais à infância".

Há muito a EDITORA BRASIL-AMÉRICA LIMITADA vem fazendo uma rigorosa seleção das histórias que publica; primeiro, damos grande atenção ao conteúdo da história, para nos assegurarmos de que nada haja nela que possa, de qualquer forma, ser considerado exaltação do Mal e diminuição do Bem; nenhum transgressor da lei é jamais apresentado por nós como personagem heróico ou digno de respeito. Pelo contrário, fazemos sempre questão de frisar a verdade, chamando a atenção para a sordidez e o futuro negro daqueles que não se enquadram na Sociedade e não lhe respeitam as leis e a organização. Depois — em se tratando de narrativas de fundo histórico — procuramos sempre conservar-nos estritamente dentro da verdade histórica. E se, por acaso, publicamos algum romance de fundo histórico, mas que não seja verídico em sua totalidade, chamamos a atenção para esse fato, a fim de que os leitores não julguem que uma obra de ficção seja uma narrativa fiel de fatos realmente passados.

Além de tudo isso, damos grande importância à questão da linguagem usada nas nossas publicações — não só no que diz respeito ao uso de palavras menos delicadas (que não entram, em absoluto, em qualquer das nossas revistas), como também no uso do português, que fazemos questão seja o mais correto possível.

Infelizmente, nem todos os editores de histórias em quadrinhos pensam como nós, e por isso muitas vezes somos acusados de erros cometidos por outros.

N.º 95 (EXTRA) ★ NOVEMBRO DE 1954 ★ Cr\$ 5.00

EDIÇÃO MARAVILHOSA (Revista Mensal) * Publicada pela Editora Brasil-América Limitada, Especializada em Revistas para Rapazes, Moças e Crianças. * Direção de Adolfo Aizen. * Escritórios, Redação e Oficinas em Edifício Próprio: Rua General Almério de Moura, 302 (Antiga Rua Abílio), São Januário. * Telefone 48-6391. * Rio de Janeiro (D. F.), Brasil.

o Sertanejo

Romance Brasileiro de **JOSÉ DE ALENCAR**

Desenhos de
José Geraldo
Capa de
Antonio Euzébio

Arnaldo

Dona Flor

Cap. Mor Pires Campelo

Marcos Fragoso

Moirão

Velho Jó

Alina

Agreia





Esta imensa campina, que se dilata por horizontes infindos, é o sertão de minha terra natal.

Ai campeia o destemido vaqueiro cearense, que à unha de cavalo acossa o touro indômito no cerrado mais espêssso, e o derriba pela cauda com admirável destreza.

Ai, ao morrer do dia, reboa entre os mugidos das reses a voz saudosa e plangente do rapar que aboia o gado para o recolher aos currais no tempo da ferra.

Quando te tornarei a ver, sertão da minha terra, que atravessei há muitos anos na aurora serena e feliz de minha infância?

Quando tornarei a respirar tuas auras impregnadas de perfumes agrestes, nas quais o homem comunga a seiva dessa naturera possante?

J de Alencar

O SERTANEJO



No fim do século XVIII, quando aí apenas se encontravam de longe extensas fazendas, o viajante tinha de atravessar grandes distâncias sem encontrar habitação que lhe servisse de pousada. A não ser algum afoito sertanejo à escoteira, era obrigado a munir-se de todas as provisões necessárias tanto à comodidade como à segurança. Assim fizera o dono de um comboio que no dia 10 de dezembro de 1764 seguia pelas margens do Sítia buscando as faldas da serra de Santa Maria, no sertão de Quixeramobim. Era o capitão-mor Gonçalo Pires Campelo que, em companhia de sua mulher D. Geneveva, de sua filha, D. Flor, e de numerosa escolta estavam a chegar à sua fazenda da Oitica, onde pretendiam entrar antes de uma hora.

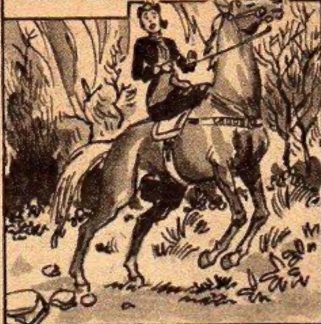
O sófrego baio de D. Flor mastigava o freio e espumava, impaciente desde que aspirara as emanções dos campos nativos.

Nesse momento chegavam os viajantes a uma pequena elevação de onde se avistava ao longe a copa verde e frondosa da oitica existente no terreiro da fazenda a que dava o nome. Um dos subordinados do capitão-mor que trazia a trombeta a tiracolo levou-a à boca e tocou uma alvada cujos sons festivos encheram a solidão...



O fogoso cavalo em que montava a nobre dama — já excitado por ter reconhecido o ambiente em que nascera — ao ouvir o toque da trombeta se arremessou impetuoso pelo caminho da fazenda... D. Flor deixou-o correr livremente, e, breve, desapareceu encoberta pelo mato ai mais fechado. De repente, o brioso cavalo estacou espavorido, com o pelo hispido e as ventas insufladas pelo terror!

Nisso, levantou-se no mato um fortíssimo estrépito que rolava como o borbotão de uma torrente; e a moça viu, tomada de espanto, um turbilhão de fogo a assomar ao longe e precipitar-se contra ela.



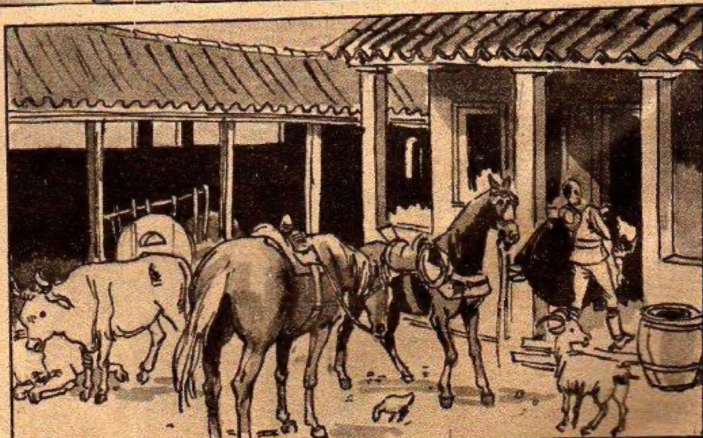
A donzela fez um supremo esforço para arrancar seu cavalo do estupor que lhe causava o terror do incêndio. Negros rolos do fumo, porém, a envolveram. E, sufocada pelo vapor, ela sentiu desfalecer-lhe a vida. Ela apenas pôde murmurar uma palavra que lhe resumia toda a sua aflição...



O corpo desmaiado resvalou pelo flanco do baio, mas não chegou a cair. Um braço robusto o suspendeu quando já a fralda do roupão de montar arrastava pelo chão. E que, ao ver o perigo em que estava a jovem, um sertanejo que caminhava à escoteira — a par com a comitiva, mas por dentro do mato — logo galopara em sua direção. No mesmo instante achava-se perto da rapariga, a quem tomara nos braços. Para salvá-la era preciso voltar antes de fechar-se o círculo de fogo, que já o cingia por todos os lados, com exceção da estreita nesga de terra por onde acabava de passar.



Para rodear a coluna de fogo que lhe cortava o caminho da fazenda, teve o sertanejo de dar grande volta que o levou aos fundos da habitação, completamente deserta nesse momento, pois todos os moradores, avisados pelo toque da trombeta, haviam acorrido para o terreiro da frente a receber os donos e festejar a chegada deles. Saltou o sertanejo em terra, sem esperar auxílio, e, atravessando a varanda...



...deitou o corpo desfalecido de D. Flor no longo canapé de couro adarnascado que ornava a sala principal. Não assustava ao sertanejo a imobilidade da jovem; conheceu ele que não passava isso de um simples desmaio causado pelo vapor do incêndio

Ajoelhou então o sertanejo à beira do canapé; e tirando do peito uma cruz de prata, que trazia ao pescoço, murmurou uma oração à Virgem Santíssima, como ação de graças por haver permitido que ele chegasse a tempo de salvar aquela inocente mulher. Tênuo suspiro exalou dos lábios já rosados de D. Flor; e, à medida que ela ia voltando a si, o sertanejo se afastava de costas, em direção à varanda. Já próximo à porta, violenta comoção o abalou. Dos lábios da moça se desprendera em mavioso queixume um nome, e esse era o seu...

Arnaldo!

Irresistível impulso o arrojou para a donzela; mas, como o cedro que o vento reclinia sem arrancá-lo do solo, o sertanejo tinha dentro da alma um poderoso sentimento que lhe encadeava os ossos da paixão. Foi lentamente e com supremo esforço tomando do primeiro lance, até que, arrancando-se ao encanto que ali o prendera, desapareceu da sala.

Tôda a gente da fazenda esperava que aparecesse a cavalcada para recebê-la com as alvissaras, toque e aclamações de alegria que eram de uso em tais ocasiões. Mas, D. Genoveva, sem atender às festas com que a saudavam, apenas entrou no terreiro foi em altas vozes perguntando pela filha: "Flor? Onde está Flor?" Esta pergunta deixou a todos surpresos. Não podiam compreender como a dona da casa lhes pedia notícia da filha, que deveria estar justamente chegando com ela. Nisso, um grito soou ali perto, a todos fazendo estremecer...



Entre as mulheres que cercavam a dama e sua filha, nenhuma tomara maior parte nas aflições, como nas alegrias maternas, do que uma sertaneja alta e robusta, que mostrava no semblante rude, porém, amável, uma franqueza de cativar. Era essa a Justa, a ama de D. Flor. Apenas se desprendeu dos braços de sua mãe, D. Flor se atirou com efusão aos de Justa.

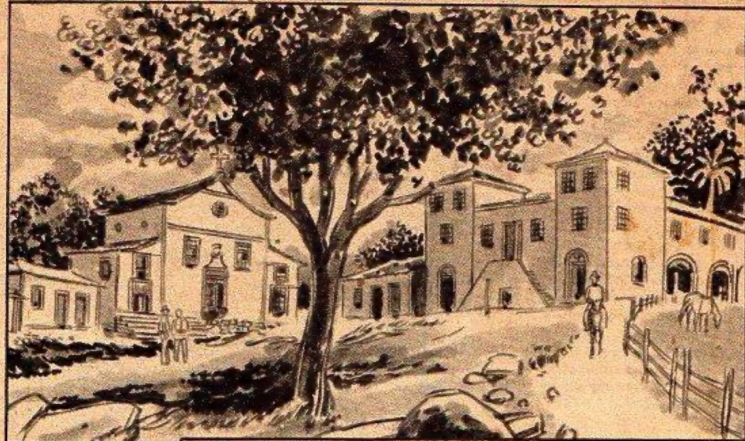


A maneira por que a donzela fôra salva do incêndio ficion sendo um mistério. A maior parte da gente da fazenda atribuiu o caso à influência divina, e acreditava que Nossa Senhora da Penha fizera um milagre em favor da menina, e pela intercessão da Justa. Outras, sem afirmar, supunham que a menina, trazida à casa pela disparada do cavalo (que foi encontrado depois atado ao pilar da varanda...) apeara ainda fora de si, entrara e caíra desmaiada de susto no sofá, não se recordando dessas circunstâncias devido ao abalo que sofrera.



Quanto a D. Flor, cogitando depois sobre o acontecimento que ameaçara sua existência, recordava-se de um grito que ouvira ao perder os sentidos, e de um vulto que surgira de repente a seus olhos já anuviados. Mas, essa impressão que ao despertar exalava-se em um nome murmurado à flor dos lábios, seria a fugaz reminiscência deixada pela confusa realidade, ou ilusão apenas da fantasia turbada pela vertigem?

A morada da Otítica assentava a meio lançante em uma das encostas da serra. Na frente elevava-se a frondosa otítica de que viera o nome à fazenda. As casas da opulenta morada eram todas construídas com solidez e dispostas de maneira que se prestariam, sendo preciso, não somente à defesa contra um assalto como à resistência em caso de sítio.



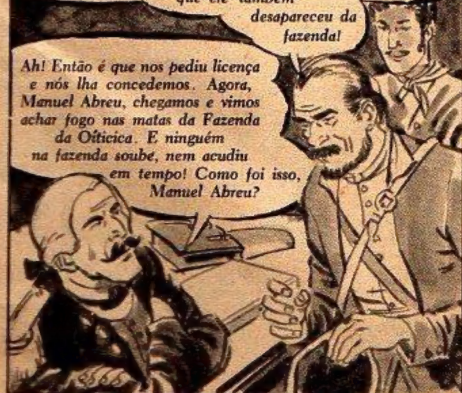
Tal, era a herdade a que chegara o capitão-mor nessa tarde de 10 de dezembro de 1764. Tornava ele do Recife, onde à volta de cada três anos costumava fazer uma viagem. Dessa vez levava a família, para mostrar a capital de Pernambuco a D. Flor, que ainda não a tinha visto; pois só para visitar a avó em Russas ou para assistir aos ofícios da Semana Santa no Ico havia a donzela alguma rara vez deixado a Otítica, onde nascera. Ao cabo da jornada fora o capitão-mor atalhado pelo fogo, que afinal conseguira extinguir com sua gente. E, já na fazenda, deu audiência de chegada a todas as pessoas — desde o capelão e o feitor até ao último dos escravos. Todos vieram saudá-lo e dar-lhe as boas vindas.

Depois que passou o último da turma, voltou o capitão-mor os olhos para o seu feitor...



Desde o dia em que o senhor capitão-mor saiu de jornada que ele também desapareceu da fazenda!

Ah! Então é que nos pediu licença e nós lhe concedemos. Agora, Manuel Abreu, chegamos e vimos achar fogo nas matas da Fazenda da Otítica. E ninguém na fazenda soube, nem acudiu em tempo! Como foi isso, Manuel Abreu?



Com licença do senhor capitão-mor, saberei vossa senhoria que eu não sei! Ainda não estou em mim com um caso desses!

Pois amanhã há de estar averiguado quem foi o causador do incêndio, para lhe ser laçada conforme a culpa!



Dirigiu-se o fazendeiro ao pórtico da casa e entrou na sala pintada de florões a fresco, e guarnecida de móveis de jacarandá forrados de moscóvia com tachas de prata. Ali estavam D. Genoveva e a filha, que se levantaram para recebê-lo. Então, só então, quando todos os seus deveres de dono da propriedade estavam cumpridos, consentiu o capitão-mor que afinal pulsasse o seu coração de pai. Cingindo com o braço o talhe de D. Flor, cerrou-a ao peito.



Entretantes, Arnaldo procurava esclarecer as causas do incêndio. Deu soga ao cavalo e desceu rápido a encosta rodeando para sair em uma várzea a cerca de meia légua da casa da fazenda, ao longo de uma das vertentes da serra e cabeceiras do rio Sitiá. Do lado oposto crescia um arvoredor vistoso, apesar da estação, e que abrigava sob a rama verdejante uma choça cujo colmo era de palha de carnaúba, como do tronco eram os esteios e a cumeeira. Arnaldo dirigiu o cavalo para lá...



Na cabana...

Bem-vindo, Arnaldo. Eu já sabia que estavas de volta. Desde esta manhã que eu te sinto chegar.

É preciso que abandones a cabana, Jô! Vim encontrar uma cilada que nos armaram!

Deixa que se cumpra a vontade de Deus. É a cólera celeste que pesa sobre mim.



Não, Jô. O que te ameaça é a vingança de um inimigo traiçoeiro que deitou fogo à mata da fazenda e o fez de maneira a que as suspeitas recaíssem sobre ti. Mas, enquanto eu viver, ninguém te ofenderá, juro-o pelas cinzas de meu pai!



Eu te rogo que deixes a cabana, porém, porque, se fizeres aqui, e da fazenda te vierem buscar, achar-me-ão primeiro!

Caminha, Arnaldo. Eu te seguirei aonde fores.



"Não sairás assim por teus pés, que deixarias o rumo para te buscarem." — Proferindo essas palavras, o mancebo carregou o velho nos ombros até dentro da mata, e o pôs em uma cepa de gameleira. Tornou então atrás, cortou uma palma de carnaúba e entrou na cabana, onde apagou os vestígios que aí tinham deixado seus passos. Depois saiu andando sempre de costas, e foi apagando os rastros deixados ao passar.

E, assim, chegou de novo ao lugar onde deixara o velho João.



Carregou-o outra vez Arnaldo, nos ombros, e dessa vez levou-o até um bamburral espesso e impenetrável, que embrenhava as fragas alcantiladas de um grupo de penhascos.



A poucos passos, achou-se em uma cripta aberta na rocha viva. O sertanejo triscou fogo e acendeu um rôlo de cêta amarela guardado numa grêta da pedra. A um canto via-se uma cama de couro de boi, e da parede pendia uma canastrinha também de couro de boi em cabelo.

Mergulhando por baixo dessa espessura, em um ponto onde mais fechada se mostrava, o sertanejo surgiu ao cabo de algumas braças em uma fenda de rochedo que formava a boca de uma gruta.



Ai está a cama e aqui dentro as provisões. Prometes não sair enquanto não passar o perigo, João?

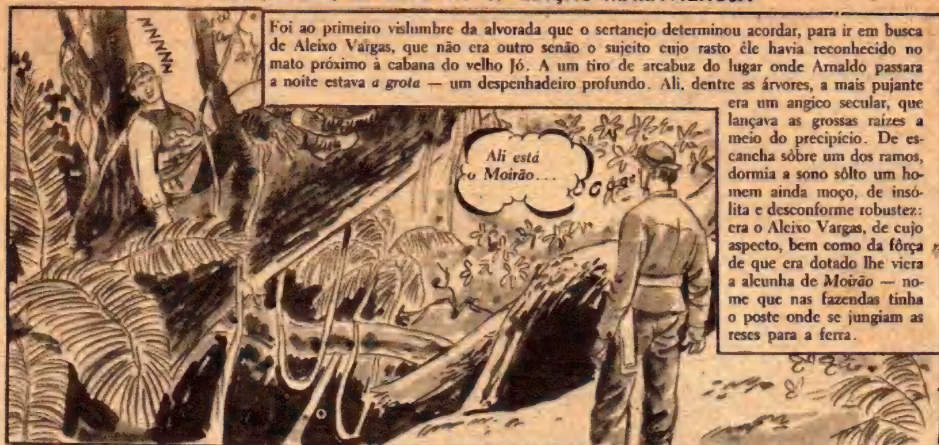
Vai em paz, meu filho. Estou bem aqui. Deus te guarde!



Arnaldo não se demorou na gruta. Uma vez fora, desandou o caminho percorrido, desfazendo todos os indícios de sua passagem até o ponto em que havia deixado seu cavalo, que o esperava sem impaciência. Enquanto caminhava, Arnaldo pensou...

Amanhã nos veremos, Aleixo Vargas!





Depois de provocar o Moirão, Arnaldo fez com que ele descesse da árvore.





Amaldo caminhou para o colosso e erguendo os braços entregou-se àquele grilhão vivo. Enquanto Moirão buscava estringi-lo, como as rósas de uma serpente, o mancebo se colava ao adversário para atenuar a violenta pressão. Apenas Aleixo acocbou o corpo do outro, suspendeu-o nos ares, como o faria com um toro de pita; ao mesmo tempo, porém, os dois braços do sertanejo se esticaram para logo se retraírem rapidamente, e os punhos, como dois malhos de ferro brandidos por molas rijas, bateram no crânio do minhoto. Uma nuvem de sangue cobriu os olhos do colosso que vacilava.

Sempre o conheci, desde que chaguei à fazenda, como homem bom e verdadeiro. Foi isso que me fez seu amigo.

Amaldo o amparou para que não caísse e o deitou sobre a relva. Ao cabo de alguns instantes, Amaldo ergueu o busto do Moirão e o encostou ao tronco de uma árvore. O colosso estava ainda meio aturdido.



Aleixo Vargas, eu sou seu amigo. Duvida?

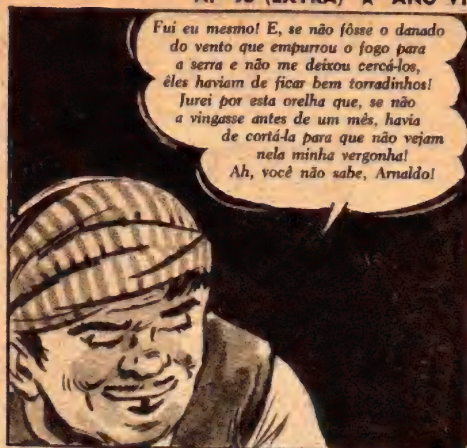
Do Amaldo, não, que me livrou ele do dente dos tapuias!

Quanto a isso, não me deve reconhecimento, Aleixo Vargas.



Obrigado, rapaz!

No entanto, foi você quem deitou o fogo à mata, por detrás da cabana do João, junto ao rasto do velho, que vai ser acusado por essa maldade! O capitão-mor e a família podiam estar reduzidos a cinzas!



Fui eu mesmo! E, se não fôsse o danado do vento que empurrou o fogo para a serra e não me deixou cercá-los, eles haviam de ficar bem torradinhos! Jurei por esta orelha que, se não a vingasse antes de um mês, havia de cortá-la para que não vejam nela minha vergonha! Ah, você não sabe, Arnaldo!



Sei. Eu vi. Sei que você era agregado do coronel Fragoso, na Fazenda das Araras; um dia o velho deu-lhe dois berros, você respondeu rijo e ia ser castigado quando o filho do coronel interferiu e livrou você. Foi então que você saiu de lá e apareceu na Oiticica e entrou no serviço do capitão-mor, com que foi agora ao Recife. Lá, você se encontrou com o capitão Marcos Fragoso, o filho do falecido coronel, e ele lhe pediu para levar um bilhete de amor à D. Flor. Mas D. Flor não quis receber o bilhete e chamou o pai, que...



Você viu... tudo?

Sim. O pai de D. Flor aproximou-se e segurou você pela orelha direita. E o levantou do chão, onde você estava de joelhos, até que o pôs de pé.



Não lhe pergunto, Aleixo Vargas, a razão que do homem bom que você era fez ontem um malvado. Em tempo dará contas a Deus. Mas aviso-lhe eu, Arnaldo, o sertanejo, que, se descobrir mais seu rasto a uma légua em roda da Oiticica, vou por ele até onde o encontrar! E nessa hora pode encomendar sua alma.

Moirão se enfrontou em uma carranca, sinal de profunda cogitação. Afinal, reconhecendo-se incapaz de resolver a terrível colisão, deu um murro na testa e arrancou pelo mato afora. Era esse um meio físico de atenuar a dificuldade de sua posição, subtraindo-se por enquanto ao dilema fatal em que se achava colocado: entre a honra e a amizade.

Era por formosa manhã de dezembro, a terceira que raiava depois da chegada do capitão-mor à sua Fazenda da Oiticica. D. Flor, retida em casa no primeiro dia pela fadiga da jornada, e no segundo pelos chuveiros que tinham encharcado o terreiro, aproveitou a bonita manhã para rever os lugares da infância, depois da longa ausência.



A donzela deu volta ao redor do edifício e foi sair próxima ao casalinho de Justa. A sertaneja acabava de ordenhar suas cabras. Quando Justa viu a poucos passos sua filha de criação, levantou-se com ímpeto de contentamento...



Mamãe Justa!

D. Flor, a ri, começou a beber de um púcaro do leite tirado havia pouco. E, enquanto conversavam, D. Flor contou um estranho fato que se passara com ela na viagem de ida ao Recife...

...e já estávamos perto do Recife. Tínhamos atravessado um rio chamado das Taboas, onde se deu uma grande batalha no tempo dos flamengos. Eu ia adiante quando um cavalo bravo correu para brigar com o meu alazão!



Jesus! Que perigo!

Foi apenas o nisto. Quando o cavalo se atirou como uma onça para morder o alazão, um homem apareceu não sei donde, agarrou-o pelas orelhas e lhe saltou em cima! E o mais curioso é que o tal sujeito que me salvou dava uns ares do Arnaldo!



Nesse momento, Arnaldo surgiu na porta. O sertanejo dos dias antecedentes, livre e indômito, ficou lá fora; quem entrou foi um mancebo tímido e acanhado, no qual, todavia, a aparência rústica do traje e o enleio do gesto não escureciam a nativa beleza e o molde airoso do talhe.



Arnaldo!

Flor...

O filho e a mãe se abraçaram estreitamente. Depois desse desafogo das saudades, Justa levou o filho pela mão até o lugar onde ficara D. Flor. Ou por espontâneo movimento, ou para se subtrair ao enleio da situação, Arnaldo voltou-se para a cabra que lhe seguira os passos e estendeu-lhe as mãos.

Depois abraçou-a com carinho. Então...

E a mim não se abraça?

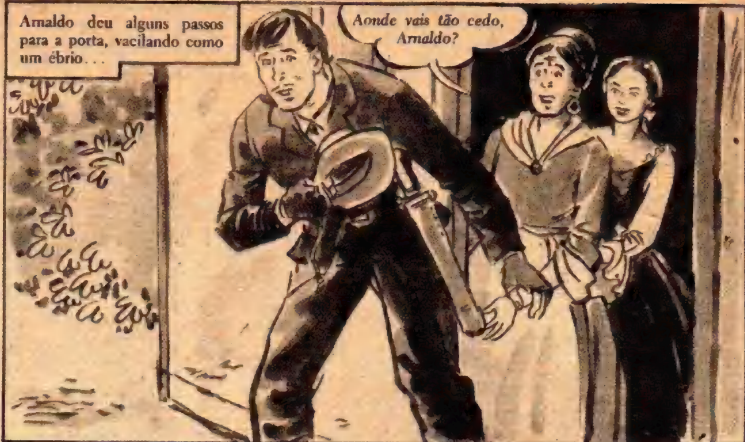
Anda aí, Arnaldo! Abraça tua irmã de leite!



Amaldo não se animara a cingir o talhe da donzela. Se lhe tocara o corpo, fôra por impulso de sua mãe. Logo recuara, porém, para esconder a comoção. Colava a mão sobre o peito, para comprimir o coração que saltava como um potro selvagem...

Amaldo deu alguns passos para a porta, vacilando como um ébrio...

Aonde vais tão cedo, Amaldo?



Amaldo se dirigiu então à fazenda, onde avistou o capitão-mor Campelo com o tenente ajudante e o padre Teles...



O sertanejo curvou-se e beijou a mão ao fazendeiro, costume patriarcal já em voga no sertão e que ele praticava por um impulso d'alma, pois habituara-se desde a infância a respeitar no velho Campelo um outro pai. Amaldo e o tenente Agrela trocaram fria saudação. Havia entre ambos um afastamento que já o capitão-mor havia percebido com pesar, pois desejava ligar entre si os dois mancebos, como os trazia unidos em sua afeição. O tenente ajudante foi-se arredando à feição de retirar-se...

Aonde ides, Agrela?

Ali, ao quartel, senhor capitão-mor!

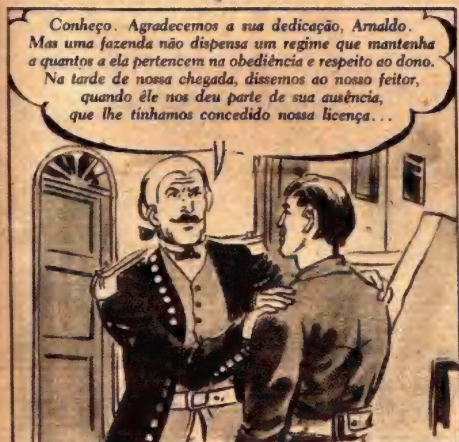
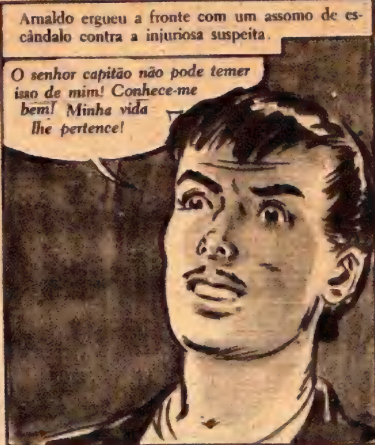


O capitão-mor começou a conversar com Amaldo, que lhe contou de modo pitoresco alguns episódios relacionados com um casal de onças que de há muito vinha rondando as reses. O capitão-mor sorriu e passou um momento enquanto compunha novamente com sua costumeira expressão de gravidade a fisionomia.

Bem: agora sabemos outra coisa. Estivemos ausentes cerca de quatro meses de nossa fazenda. Durante esse tempo consta-nos que Amaldo abandonara a fazenda. E tornando nós, só hoje, ao quarto dia de nossa chegada, nos aparece.

Que quer isso dizer, Amaldo?





O primeiro impulso de Arnaldo foi desabrir-se contra a resolução que o velho capitão-mor acabava de anunciar com a fórmula solene da vontade. Mas reservando-se para defender mais tarde e no momento preciso sua liberdade, conteve-se nessa ocasião. Se opusesse à tenacidade do fazendeiro seu caráter indomável, o choque haveria de ser terrível.



Arnaldo teve um sobressalto.

Diga-me onde anda o velho João, que deitou fogo no mato da fazenda, na tarde de nossa chegada

Asseguro ao senhor capitão-mor que não foi o velho João quem deitou fogo no mato. Sei onde está João...

Ao senhor capitão-mor Gonçalo Pires Campelo, digo-lhe eu, Arnaldo Louredo, que não!

Arnaldo, em cujo semblante perpassou uma sombra de melancolia, levantou a cabeça e cruzou o olhar sereno com o irado lampejo do velho.

Este brado, que ele repetiu três vezes uma sobre outra abalou os ares, estremeçando a casa e reboando pelos ecos da montanha. O ajudante acudiu e o terceiro se encheu de homens de armas e escravos que haviam acorrido ao brado do fazendeiro. Todos tinham avistado de longe o capitão-mor, que se voltara um instante, e Arnaldo em pé junto ao banco da oiticia.

...mas não sou denunciante nem esbirro.

Mas é um rapaz estonteado! Manda-lhe o capitão-mor Gonçalo Pires Campelo que vá buscar o velho João!

O fazendeiro estendeu a mão para travar do braço do tranqueiro; este, porém, retraindo-se de um salto e colocou-se à distância. Foi então que a ira terrível do velho fez-se explosão, estalando como a cratera de um rochedo vulcânico ao arremessar a lava.

AGRELA!

Agarre-me esse atrevido! Que é de...?

Eu o vi... perto desse banco!

Ao voltar-se, o capitão-mor não viu mais Arnaldo. O sertanejo desaparecera de maneira incompreensível. Já a esse tempo haviam saído ao terceiro D. Genoveva e a filha, inquietas pela irritação do fazendeiro, cuja causa vieram a saber ali. Veio Agrela comunicar a inutilidade das pesquisas feitas nos arredores, para descobrirem Arnaldo

Pois vão desencová-lo ainda que seja no inferno! E tragam-no vivo ou morto! O capitão-mor Gonçalo Pires Campelo não seja dono da Otílica, nem pise mais a soleira de sua porta, se...



Por sua filha, que bebeu o mesmo leite que ele, não jure, meu pai!



O velho quedou-se um instante, ao cabo do qual, travando a mão de D. Flor, caminhou com ela para casa. D. Flor tinha destinado essa manhã para abrir seus baús e tirar o que trouxera do Recife. Para ajudá-la, chamou Alina, que era filha de um parente remoto de D. Genoveva; ficando órfã em tenra idade, o capitão-mor, a pedido da mulher, a tinha recolhido com a mãe viúva, prometendo educá-la e arranjá-la. Alina era, pois, a jovem que o fazendeiro destinava para noiva de Arnaldo. Era loura e muito bonita.

D. Flor foi tirando do baú as galantanias de toda sorte, das mais finas e custosas que então se vendiam no Recife. Pegou numa faixa de chapalote azul, passou-a a tiracolo prendendo-a ao ombro direito com um broche de ouro e mostrou a Alina, com a ponta dos dedos, as letras bordadas na fita; havia ali um dístico lavado a fio de ouro em uma e outra banda da faixa...

Que maravilha, Flor! Na faixa está escrito: "A mais formosa"!



Foi uma sorte de cavalhada...



De todas as festas que vi no Recife, as mais luzidas foram as que se deram em regozijo pela chegada do novo governador, Dom Antônio de Menezes, conde de Vila Flor. Houve muitos jogos e divertimentos. Veio depois o jogo das argolinhas...



A mais formosa!



"... e eu recebi um anel que me ofertou na ponta de sua lança um dos vencedores, o capitão Marcos Frago, dono da Fazenda do Bargado. Mas este outro argolão de ouro é outra história: num mastro, no meio da praça, suspenderam de um fio de seda este argolão, com as fitas a voar como se fossem galhardetes. Era o prêmio mais cobiçado por todos os cavaleiros, e o vencedor poderia ofertá-lo à dama de seus pensamentos. Da primeira investida nenhum tocou na argola; nem da segunda; e muitos dos campeões se levantaram tanto dos arções, na ânsia de atingir o argolão, que rolaram por terra. Na terceira investida, poucos restavam; o Marcos Frago, que ia na frente, com um bote certo enfiou a ponta da lança no argolão! Mas, ao mesmo tempo, outro cavaleiro que vinha contra ele à disparada, enfiou a lança pelo outro lado, de modo que os dois ferros ficaram atravessados em cruz! Não se soube quem era o outro cavaleiro, pois tinha um lenço amarrado no rosto, deixando-lhe apenas os olhos a descoberto. Os dois campeões forcejaram para arrancar o argolão; foi aí que o desconhecido correu sobre o seu contrário e arrebatou-lhe a lança da mão. Todos aplaudiram a façanha, menos o Frago, enquanto o vencedor, chegando ao palanque onde eu estava, apresentou-me o argolão na ponta das duas lanças..."

"... Eu nem sabia o que fizesse, de contente e ao mesmo tempo de acanhada que fiquei..."

Foi minha tia D. Catarina quem recebeu o argolão com a faixa e a passou pelo meu ombro; com isso redobram os aplausos a proeza do desconhecido. E acabou-se a história...



E... e o desconhecido? Não desconfiou de quem seria? Pois pelo modo parece que era pessoa conhecida! Não se parecia com o Arnaldo?

Que lembrança! E que razão tinha ele para esconder-se?



Não sei, Flor...



Um tropel de animais que ressoou perto da casa tirou as duas meninas de sua distração. Ambas, impelidas por igual movimento de curiosidade, debruçaram-se à janela e retraíram-se, tomadas de surpresa pelo que viram.

Olhe, Alina! Aquêlê mais alto, que tem a casaca de seda açafroada... Sabe quem é?

O Frágoso... de quem você falava há pouco... É?



Nesse momento, o capitão Marcos Frágoso — pois era ele mesmo que chegava — avistando as jovens fez com o chapéu profunda saudação a D. Flor, que respondeu confusa recolhendo-se da janela. Entretanto, o capitão-mor Campelo, saindo ao patamar, convidava os hóspedes a entrar.

Adiantou-se o mancebo que vestia casaca de seda côr de açafão, e saudou o fazendeiro...



O capitão Marcos Frágoso, de jornada para sua fazenda do Bargado com êses amigos, não pôde, passando a primeira vez pela Otítica, faltar à cortesia de saudar o senhor capitão-mor Gonçalves Pires Campelo!

Depois de alguns cumprimentos o capitão-mor convidou os recém-chegados a que entrassem. Era costume de todas as grandes fazendas não deixar partir os hóspedes sem os regalar; e isso usavam os ricos, não tanto por obséquio e satisfação dos estranhos, como principalmente por ostentação. D. Genoveva ordenou os aprestos necessários e, em poucos instantes, tudo estava preparado sobre uma mesa coberta de ricas alfaías. A mesa não compareceram D. Genoveva nem D. Flor e Alina; o capitão-mor, acompanhado de seu ajudante Agrela e de seu capelão, padre Teles, fez as honras do baquete.

Vão os senhores ver também a Fazenda do Bargado, que é das mais belas deste Quixeramobim. No tempo do finado coronel Frágoso, poucas podiam competir com ela. O senhor capitão Marcos não quis ser nosso vizinho, como o foi seu pai. Os mancebos gostam mais da praça...

Não há que estranhar...



Costumo demorar-me no Recife, é certo, senhor capitão-mor. Mas tenho minha casa nas Araras, onde fico mais perto de meus parentes, que são todos de Inhamuns. Meu pai gostava mais do Bargado.



Era meio-dia quando os viajantes se despediram do capitão-mor Campelo, depois de agradecerem a fidalga hospitalidade que tinham recebido. Quando transpunham o terceiro, o capitão Frágoso voltou-se de chofre e logrou seu intuito — que era o de surpreender as duas jovens à janela, a espiar a cavalcada. O mancebo inclinou-se, cortando-as com o chapéu.



Enquanto D. Flor respondia, com polido recato, Alina, que se esquivara, avistou de repente entre a ramagem das árvores o vulto de Arnaldo, cujas feições tinham nesse momento sinistra expressão. Quando afinal se apagou o último ruído da cavalcada, Arnaldo vergou a cabeça ao peito, e assim permaneceu longo tempo, imerso em tristeza profunda e acabrunhado por uma dor como nunca sentira.

Aborto como estava, o sertanejo se afastou maquinalmente da casa, na direção da serra...

Cego que eu fui! Pensei que este doce engano havia de durar sempre... E de repente se apagou o encanto! Flor tem dezenove anos. Sua mãe casou-se nessa idade, e há de estar pensando no enxoval da filha.

Noivos não faltam... Já apareceu primeiro...



Quando brincávamos juntos, cuidava eu que havíamos de ser meninos toda a vida. Agora... vai casar-se... Um outro homem será seu marido... e ela deixará de existir para mim!

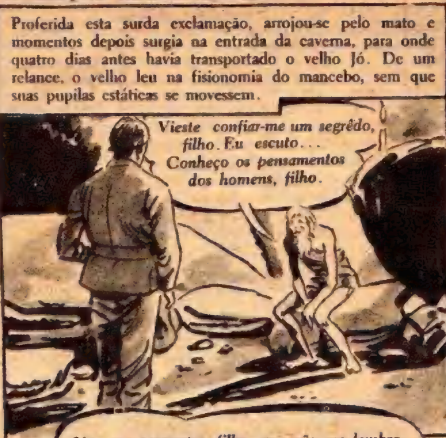




Não! Flor não pertencerá a nenhum homem na terra! Ainda que seja à custa de minha salvação eterna!

Se um homem quiser roubar-me o bem que me pertence, e que faz toda a minha felicidade, posso matá-lo sem me tornar assassino? Foste moço um dia: teu coração há de ter amado uma mulher... Nesse tempo que farias?

Não derrames nem uma gota de sangue de teu irmão!



Vieste confiar-me um segredo, filho. Eu escuto... Conheço os pensamentos dos homens, filho.

Não me perguntes, filho, que não me lembro mais do que fui! Pergunta a teu coração, que é moço e vive; o meu está morto.



Já perguntei... E ele me respondeu. Não te direi o quê... Nem a mim mesmo tenho coragem de repeti-lo!

"Pensa em tua alma, Arnaldo!" — foi o que disse João. O sertanejo se demorou na caverna até à tarde, quando se despediu do velho e ganhou a mata. A essa hora, já os acostados da fazenda que o capitão-mor enviara à sua procura, desenganados de encontrá-lo, ou tinham voltado à casa ou andavam longe, a bater o mato. Arnaldo encontrou-se com sua mãe e com D. Flor, que já havia conseguido apaciar a cólera de seu pai. Mas Arnaldo teve de fugir novamente, porque se recusara a se ajoelhar perante o capitão-mor. E o sertanejo, indo ao lugar onde na véspera deixara Aleixo Vargas, o Moirão, seguiu-lhe o rasto que ia na direção da Fazenda do Bargado!

Chegando próximo à casa da Fazenda do Bargado, o mancebo apcou do cavalo em que viera montado, seu fiel Corisco, e deu senha ao animal para continuar no mesmo rumo.



O Corisco, prático nessas empresas, agachado por entre o anvoredo aproximou-se até dar rebate aos cães da fazenda, que partiram em matilha a acú-lo. Já Amaldo, se aproveitando disso, acercou-se da casa com a cautela necessária para não ser pressentido.

Da sala principal, que abria para a varanda, escapava-se o rumor de falas alegres e de risos festivos, assim como o tinar de pratos e o triscar de copos. O capitão Marcos Fragoso banqueteara-se com seus hóspedes. Pela janela do oitão pôde Amaldo observar o interior.

Eu estou com o Ourém! Eu, o capitão João Correia, não acho muito jeito de fazendeiro cá ao nosso amigo...

Simule quantas razões lhe aprouwer, primo Fragoso! A mim, Ourém, não me convence de que o mais chibante casquilho do Recife se lembrasse de vir a este sertão ferrar bezetros...

Já que tamanho empenho fazem em conhecer a verdadeira tentação desta jornada, não a ocultarei por mais tempo. Pois a quem primeiro comunicarei resolução de tanta monta senão a amigos de minha maior estimação?

Um desses próximos dias far-me-eis a graça de me acompanhar à Otítica, onde irei pedir ao capitão-mor Campelo a mão de sua filha, a formosa Dona Flor!

À gentil noiva!

E à ventura de tão acertado himeneu!

Foi heróico
o esforço
que fez Arnaldo
para se conter,
ao ouvir o nome
de D. Flor
de envôlta
com tais efusões.
Reagindo
ao violento
impulso
que o arrojava
contra
aqueles homens,
afastou-se
precipitadamente.

De longe, voltou-se. Na sala, à
clareza das lâmpadas, destacava-
se o vulto elegante de Marcos
Fragoso, que se erguera da mesa.
O sentanejo murmurou...



No dia seguinte, estava o capitão-
mor Campelo sentado, como de
costume, a uma cadeira de alto es-
palda forrada de couro e colocada
no patamar. O fazendeiro, termi-
nado o jantar (que naquele tempo
era ao meio-dia), fazia a sesta até
passar a força do sol e depois vinha
se sentar ali, onde tratava dos ne-
gócios da propriedade. Nessa tarde,
mandou êle chamar o Inácio Góis,
que lhe servia de vaqueiro da fa-
zenda desde a morte do Louredo,
pai de Arnaldo.

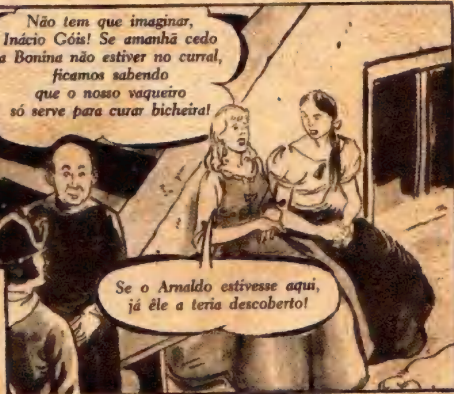
Chegou o Inácio Góis, a quem o fazendeiro pergun-
tou de chofre pela Bonina, uma novilha de D. Flor,
que estava desaparecida.

É uma coisa que não se explica, senhor capitão-mor!
Já bati todo esse mato e nem sinal da novilha!
Nunca se viu uma coisa assim!
Faz a gente imaginar...

Não tem que imaginar,
Inácio Góis! Se amanhã cedo
a Bonina não estiver no curral,
ficamos sabendo
que o nosso vaqueiro
só serve para curar bicheira!



Se o Arnaldo estivesse aqui,
já êle a teria descoberto!



O Agrela vira as meunhas se dirigirem para o banco começou
a andar pelo terceiro, ao lado do capelão; sua direção apa-
rente era o muro levantado em volta do terreiro. Tinha êle,
porém, uma linha objetiva, que seu olhar indicava a cada
instante, fitando-se rápido, mas veemente, no formoso sem-
blante de Alina. Padre Teles — talvez que por indícios
anteriores — percebera a estratégia do tenente ajudante e se
prestava de boa vontade à manobra. Foi mais adiante a
complacência do capelão, pois, ao passarem junto dos ban-
cos, deu-se por fatigado e sentou-se, indicando ao com-
panheiro o lugar que ficava entre êle e a jovem. Aproveitando
o ensejo, Agrela dirigiu algumas palavras rápidas a Alina...

Mais tarde, o capitão-mor conversava com D. Genoveva.

Desde que tivemos a desgraça de perder o Louredo,
que o nosso gado anda à mercê de Deus.
É tempo de pôr cobro a isso. Já guardamos o lugar
de vaqueiro para o Arnaldo, que já está em idade de servi-lo
Portanto, senhora, cuide com toda presteza
do enxoval da Alina, para casá-la
quanto antes com o rapaz.
É o que havemos resolvido.

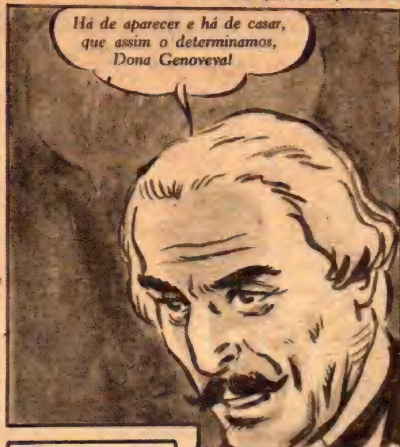
O Arnaldo?
Mas... êle não fugiu,
senhor Campelo?



Essa melancolia é pela ausência dêle?
Tenho ordem de descobri-lo
vivo ou morto!

Arnaldo!





No campanário da capela acabava de soar a última badalada da Ave-Maria. Nisso, longe, pela várzea além, começaram a ressoar as modulações afetuosas de uma voz que vinha aboiaando. Alina estremeceu, escutando os sons vibrantes da canção. Seu olhar, voltando em torno, cruzou-se com o olhar de Agrela, que de longe a fitava; à súplica instantânea que se seguiu, o tenente ajudante opôs um pálido sorriso. Transida de susto por esse sorriso, a moça murmurou ao ouvido de sua companheira...



Nas outras pessoas, o aboiar não causara a menor impressão, como coisa muito comum no sertão. Alguns vaqueiros se lembraram de que esse era o modo de cantar de Arnaldo. De repente, uns gritos no curral chamaram para ali a atenção. O capitão-mor inquiriu do Agrela a causa do rumor. "É a Bonina que apareceu" — disse o ajudante apontando para a novilha parada junto à cerca.

Indagou o fazendeiro do caso; e Inácio Góis, insinuando-se como descobridor da Bonina, já começara uma história, quando D. Flor o atalhou...



O capitão-mor ergueu os olhos na direção indicada pela filha, e viu parado a pequena distância Arnaldo montado no seu cavalo. O mancebo tirou o chapéu e ficou imóvel. Então, o capitão-mor estendeu majestosamente a mão para Arnaldo, o qual, apenando, pronto veio beijá-la comovido. E o fazendeiro lhe disse paternalmente...



Depois de ter acariciado a Bonina, D. Flor se dirigiu aos seus aposentos e, ali, tomando um objeto que procurava, saiu com Alina em busca do casilhinho da Justa, a mãe de Arnaldo.

Entrando no casalinho, Flor e Alina se encontraram com Justa que, avisada pelo rumor das vozes, acudia a recebê-las. Ao clarão do fogo aceso na cozinha, avistaram um vulto que ambas reconheceram. Flor abraçou sua mãe de leite e lhe entregou o objeto que trazia.

Esta bôlsa, mamãe Justa é que eu trouxe do Recife para o Arnaldo. Eu tinha intenção de não lhe dar mais, pela desobediência que ele praticou. Como ele encontrou a Bonina e voltou arrependido, entregue-a, de minha parte.

Obrigada, minha Flor! Ele vai ficar contente!



O vulto surgiu da sombra. Era Arnaldo, que tirou a bôlsa das mãos de Justa e a atremessou ao fogo.

Pague aos seus criados!

ARNALDO!



Fêz bem... Ele não merecia uma lembrança minha!



Raiava uma formosa madrugada. O capitão-mor ia a uma montearia ou vaquejada, que era a correria ao gado selvagem — chamado *barbatão* — que se espalhava pelos campos. Adiante, vão Flor e Alina; seguem-se D. Genoveva com o capitão-mor, e logo após o padre Teles, e o Agrela à frente de uma escolta. Ao chegarem à varzea, saíu-lhes ao encontro Arnaldo, que também se incorporou à comitiva. A ideia da montearia tinha partido do dono do Bargado, o capitão Marcos Frágoso, que por uma carta mui cortês mandava convidar o seu poderoso vizinho e a família.



Tinha nascido o sol. A essa hora em que o capitão-mor com sua família seguia pelos tabuleiros em busca das margens do rio Quixeramobim, outra cavalcada, que partira de ponto diverso, caminhava na mesma direção; e, no passo em que, ia, com pouco devia cortar o rumo da primeira. Compunha-se esta outra cavalcada do capitão Marcos Fragozo e seus hóspedes e parentes. Também eles vinham encourados, isto é, vestidos à moda sertaneja.

O ponto designado para o encontro com o capitão-mor era à beira de uma coroa de mato, ao pé de uma colossal marizeira.



Depois de trocadas as mais cortesias saudações, seguiram juntas as duas cavalcadas. Marcos Fragozo conversava com o capitão-mor...



Amaldo, apesar de preparado para o encontro, não pôde conter o movimento de repulsa que lhe arrancou a chegada de Marcos Fragozo. Como, porém, estava retirado, ninguém percebeu o olhar com que ele marcava o destruidor de sua felicidade.



Desde então, o sertanejo que já se mostrava esquivo, afastou-se ainda mais e, a pretexto de não estorvar o caminho aos outros, desviou-se para o lado e seguiu por dentro do mato.



A cavalgada
chegara a uma
ligeira eminência
donde
se dominava
toda a planura
em torno.

A várzea estava
coalhada de gado,
que no comprido
pêlo e no aspecto
arisco mostrava
ser barbatão.

Depois
de breve pausa,
para descanso
dos animais,
os cavaleiros
se preparavam
para começar
a montearia.

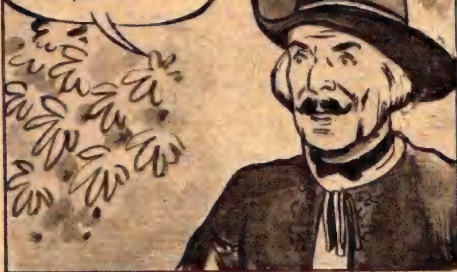


O Dourado era um touro alto e esguio. Ele conhecia o homem
e estava acostumado a enfrentá-lo.



O capitão-mor falou com ufania.

O Dourado é um touro destemido e que tem zombado
dos melhores vaqueiros deste sertão. Há sete anos
que ele apareceu, e até hoje ainda não houve
quem se gabasse de pôr a mão no Dourado!
Nem o Louredo,
que foi o mais afamado
campeador...



Já vejo
que o Dourado
é um herói...

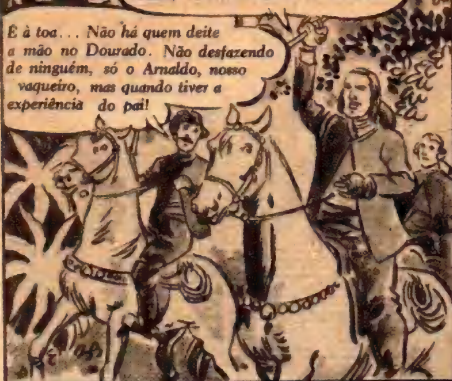
Todavia,
não é para comparar-se
com o Rabicho...



O capitão Marcos Fragoso se adiantou...

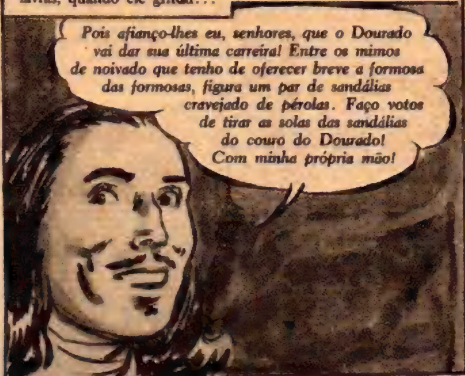
Então, senhores, vamos ao Dourado?

E à toa... Não há quem deite a mão no Dourado. Não desfazendo de ninguém, só o Arnaldo, nosso vaqueiro, mas quando tiver a experiência do pai!



O capitão Marcos Fragoso dirigiu um olhar tão claramente a D. Flor que todos compreenderam a alusão de suas palavras, quando ele gritou...

Pois afianço-lhes eu, senhores, que o Dourado vai dar sua última carreira! Entre os mimos de noivado que tenho de oferecer breve a formosa das formosas, figura um par de sandálias cravejado de pérolas. Faço votos de tirar as solas das sandálias do couro do Dourado! Com minha própria mão!



As vaquejadas do gado bravo, ou monteiras como ainda as chamavam à moda portuguesa e clássica, pouca diferença tinham quanto ao modo das que se fazem ainda agora no sertão, durante o inverno e depois. Naquele tempo, o gado *barbatão* se multiplicava com prodigiosa rapidez. E os vastos campos incultos, bem como as florestas ainda virgens, ofereciam às manadas selvagens refúgios impenetráveis. Daí provinham essas famosas correrias, tão celebradas nas cantigas sertanejas.

O capitão-mor firmou-se na sela e soltou o brado estridente do vaqueiro ao disparar. Ao grito do capitão-mor, outros reboaram. E os seus cavaleiros se atremessaram ladeira abaixo, no encalço do Dourado.

ECUU!



Alina, depois de alguma hesitação, aproximou-se de Arnaldo.

Não foi campear, Arnaldo?
Eu sei a razão...

Sabe?

Foi para ficar perto de mim!
Não acertei?

As senhoras ficaram na eminência, guardadas pela escolta e acompanhadas do padre Teles. D. Genoveva e D. Flor, juntamente com o padre Teles, se dispunham a ir campear as novilhas que pastavam ali perto.





No momento em que o capitão-mor partira com os outros campeadores, Arnaldo não se deixara influir. Todavia, ficara de observação, porque, se o Marcos Fragoso se mostrasse capaz de pegar o Dourado, ele se propunha a arrebatá-lo a satisfação desse triunfo, como já fizera uma vez...



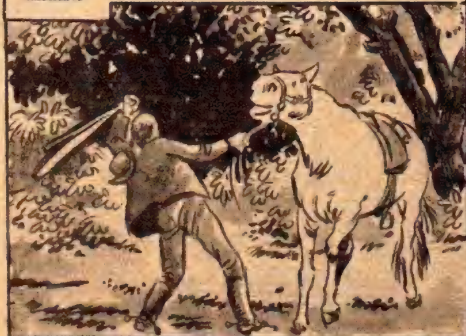
D. Flor aproximou-se de Arnaldo para, com uma palavra meiga e afeituosa, aplacar seu animo ríspido. Mas, no momento em que chegava ao lado dele, Arnaldo disparou colina abaixo, soltando esse brado pujante que o sertanejo aprendeu do índio, seu antepassado. Quando o Dourado ouviu o brado de Arnaldo, conheceu que tinha homem em campo. E, abrindo a carreira, deixou o Fragoso a uma grande distância. Desde então, o Marcos Fragoso continuou a correr, mas já não era atrás do Dourado, e sim atrás do sertanejo.



O capitão-mor, Daniel Ferro e Agrela, que já vinham atrasados, com a chegada do Arnaldo perderam a esperança não só de agarrar o touro como de seguir-lhe a pista. Resolveram, portanto, parar em um alto para acompanharem com a vista a corrida. O mesmo faziam D. Genoveva, D. Flor, Alina, o padre Teles, o João Correia e o Ourém, primo do capitão Frágoso. Era uma corrida vertiginosa, aquela. Touro e cavaleiro fugiam instantaneamente à vista que os fitava.



Quando Arnaldo, correndo atrás do Dourado, respondeu com palavras de desprezo ao desafio de Frágoso, este, já irado, teve tal acesso de cólera que acabou por apanhar talos de palmeira e com eles esbordoar o próprio animal em que montava



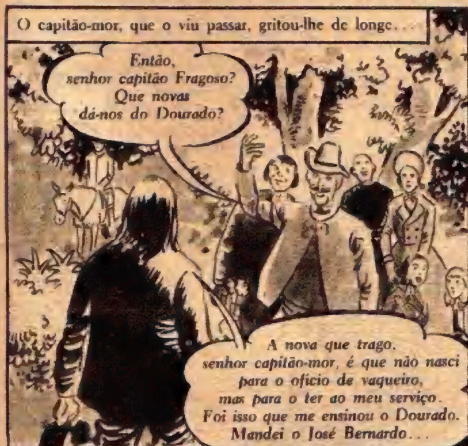
Quando parou, de extenuado, concentrou-se e refletiu. Marcos Frágoso viera ao Quixeramobim arrastado pela paixão que nele acendera D. Flor. Várias razões haviam de pesar no ánimo do dono da Otítica para aceitar a sua aliança: o grosso cabedal que ainda possuía ele, Frágoso, a vantagem de ter por vizinho na rica Fazenda do Bargado um parente próximo, e, finalmente, as prendas de mancebo e cavaleiro que muito valiam para noivo de uma filha mimosa e bem querida.

Efetivamente, o capitão Fragoso já tinha o seu plano feito. Mandou chamar de sua fazenda das Ataras, no Inhams, o seu cabo de bandeira, Luis Onofre, com uma boa escolta de gente decidida. E, de uma conferência que havia tido com Luis Onofre, fôra combinado que Onofre se postaria de emboscada com sua escolta no lugar conhecido por Batis, em caminho da várzea do Quixeramobim. Na volta da montearia, o capitão Fragoso obteria sob qualquer pretexto uma audiência do capitão-mor. Se a resposta fôsse favorável, estava tudo resolvido; no caso de uma negativa, o Luis Onofre receberia um sinal convençãoado. Então, ao passar D. Flor, o bandeirista arrebataria a donzela e partiria com ela para o Bargado, seguido por Marcos Fragoso. A intenção era casar-se imediatamente com D. Flor, para o que já tinha no Bargado um padre que mandara vir de Inhams.

O resultado de ter refletido, lembrando-se das providências que tomara, foi que Marcos Fragoso se conteve. Seu cavalo estava ali perto; foi-lhe fácil apanhá-lo. A pequena distância andada, veio-lhe ao encontro o primo Ourém.



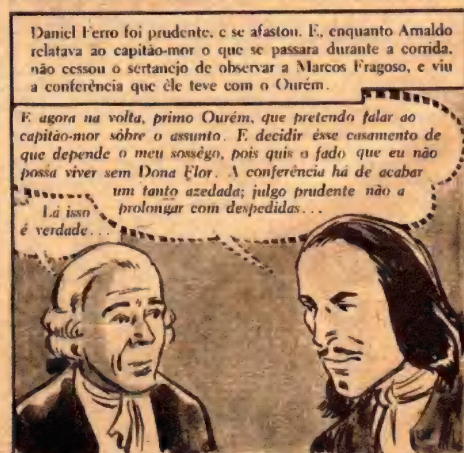
O capitão-mor, que o viu passar, gritou-lhe de longe...



Na orelha da mata, a sombra de umas grandes sucupiras copadas, tinham os criados do capitão Marcos Fragoso arvorado um tóldo de damasco amarelo, formando um vistoso pavilhão. Ali já estava armada a mesa. A vitela que forneceram carne para o banquete fôra laçada pelo próprio capitão-mor e sangrada pelo Daniel Ferro. O banquete foi demorado.



Já estava a terminar o almoço, quando Arnaldo ouviu de longe os brinches que se trocavam os convidados. Aproximou-se cautelosamente por dentro do mato. Perto do baio de D. Flor estava um rapaz de vinte anos, que era um cigano desgarrado, e estava a fazer caricaturas ao baio. O sertanejo parou um instante a observar o cigano, e seguiu adiante. O capitão-mor foi quem primeiro o avisou.



Instantes depois anunciou-se a partida. Tornou a comitiva pelo mesmo caminho. A cêrca de meia légua, da marizeira, onde as duas comitivas se haviam juntado, Marcos Fragoso, com o capitão-mor entretenendo-o com uma conversa banal, fez uma pequena pausa e mudou de tom.



Agora, senhor capitão-mor, peço-lhe vênha para tratar de um ponto que me toca mais que nenhum outro. O muito e estremecido afeto que sinto por sua filha, Dona Flor, obriga-me a pedir sua mão a vossa senhoria. Acredito ser por ela retribuído...

Nossa filha, senhor capitão Marcos Fragoso, não podia pensar em homem algum sem licença de seu pai. Fique sabendo. O senhor pensou que nossa filha estivesse à sua espera, ou de outro qualquer.

Será, proventura, alguma princesa?



E a filha do capitão-mor Gonçalves Pires Campelo! Está ouvindo? Podíamos, se nos aprovesse, escolher entre outros o senhor Marcos Fragoso para casá-lo com Dona Flor. Mas não admitimos que pretenda casá-la consigo! Eu disse não. E não!



Fragoso calou-se. Com um movimento expressivo, tirou o chapéu e o conservou na mão. Sou então no matto o canto da saracura; e com pouca demora outro sinal lhe respondeu a cêrca de cinqüenta braças adiante: eram os sinais convençionados com sua gente para a emboscada. O moço capitão voltando à dircita meteu-se pelo matto seguido de toda a sua comitiva.



Enquanto isso, oculto nas vizinhanças da Fazenda do Bargado, o velho Jó espiava a casa da fazenda e seus arredores. Arnaldo lhe recomendara que observasse os movimentos do Luiz Onofre e da sua bandeira, pois suspeitava da vinda dessa gente. E Jó, tendo descoberto toda a trama da emboscada, agiu a tempo de neutralizá-la. Assim, quando soara o grito da saracura, Marcos Fragoso supôs que D. Flor já fôra raptada, como o combinado. Mas não acontecera isso. E, daí a pouco, Arnaldo se encontrava no local onde deveria se ter dado o assalto traicoeiro; o sertanço ali acorrera ao ouvir certas batidas no chão, processo de comunicação à distância que o velho Jó usava.

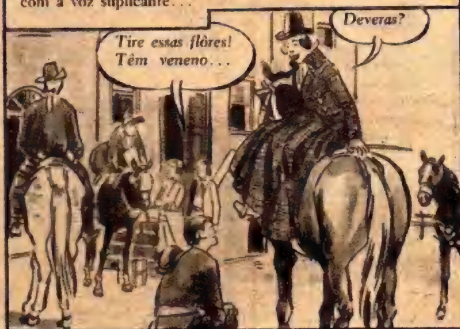
Ao chegar lá, e vendo a gente da escolta caída no chão, Arnaldo estremeceu...



O velho referiu o que fizera: enquanto os bandeiristas aguardavam a passagem da comitiva, Jó fora aos alforjes e tirara um caneco de aguardente à qual misturara suco de ramos de tingui; depois juntara aquela mistura à aguardente da vasilha grande e ao vinho, tendo o cuidado de as sacolejar. Tendo ouvido a explicação do velho, Arnaldo foi à várzea, matou um boi e o esfolou com rapidez; cortou o couro em corcarias com o que o sertanejo amarrou pés e mãos de todos os componentes da escolta, inclusive Rosinha, uma jovem cigana que havia sido a encarregada de saltar à garupa de D. Flor e impedi-la de gritar, na hora do rapto.

Depois de combinar com Jó o que lhes restava a fazer, Arnaldo deixou o velho no lugar da emboscada e voltou ao sítio onde havia ficado a comitiva. Ali chegou, como vimos, ao terminar o almoço, e contou ao capitão-mor a peca do Dourado. Desapareceu nessa ocasião, mas para acompanhar por dentro do mato e observar o jogo do Frágoso. Viu o sinal dado por este, com o chapéu; o moço cigano (que ele surpreendera afagando o cavalo de D. Flor,) oculto no mato também viu o sinal, soltou o grito da saracura e disparou a correr; o cavalo desta não o seguiu, porém, conforme ele esperava; mas seguiu-o Arnaldo que breve o alcançou e, derrubando-o da sela, deixou-o amarrado entre a folhagem. O sertanejo imitou então o canto da saracura, enquanto Jó espantava os cavalos emboscados que partiram à desfilada na direção do Barão.

Passava do meio-dia quando o capitão-mor chegou com sua família a Oiticica. D. Flor dirigira o cavalo para baixo da árvore. Arnaldo a seguiu, e, saltando em terra, ofereceu-lhe o ombro para que ela pudesse apcar do cavalo. E, vendo umas flores que Marcos Frágoso dera à jovem, disse-lhe com a voz suplicante...



Arnaldo ergueu-se de um ímpeto, e antes que pudesse dominar o violento impulso de sua alma, arrancou as flores para jogá-las no chão. D. Flor, que já ajeava, foi tomada de surpresa. No primeiro assomo da indignação, não viu ali senão um homem que tivera a insolência de tocá-la.



Não esqueça o seu lugar, Arnaldo!
Lembre-se de que já não é
um menino malcriado!
É de que eu sou uma senhora!





Ditas essas palavras, a donzela afastou-se. Então Arnaldo, saltando de novo na sela, meteu as esporas no Corisco, seu cavalo, e disparou ladeira abaixo. Correu direito ao Bargado. Lá resolvido a desafiar o Marcos Frágoso, matá-lo para vingar nele a humilhação sofrida, e, depois, deixar-se matar para assim se punir do crime de haver punido D. Flor.



A Fazenda do Bargado, no entanto, estava deserta, e Arnaldo apenas ali encontrou a família de um vaqueiro inválido que ficara para guardar a casa. Disse-lhe a mulher que o capitão Marcos Frágoso havia partido uma hora antes para Inhambuns levando toda a sua comitiva e mais o José Bernardo com a gente da fazenda. Eis o que sucedera: Marcos Frágoso esperava — ao se despedir do capitão-mor — alcançar pouco além dos Baús o Onofre e a escolta, que ele acreditava conduziam D. Flor, conforme o plano. Mas, ao descobrir os bandeiristas estirados no chão, no lugar da emboscada, e solidamente amarrados, entendeu que tinha sido burlado pelo capitão-mor. Isso o encheu de furor, e partiu para a sua Fazenda das Araras, dizendo que não portaria os pés no Bargado senão depois de tirar sua desforra.

Entretanto, D. Flor entrava em seus aposentos, depois da repreensão que dera a Arnaldo. E, de repente, dois rocais de lágrimas aflozaram-lhe as faces. Por que chorava? — Foi a interrogação que dirigiu à sua consciência.



A donzela permaneceu algum tempo imóvel, completamente absorta. A pouco e pouco a figura do vaqueiro que a descatara foise desvanecendo, e da névoa que se fez na memória da jovem surgiu o vulto de um menino de sete anos, vestido com um gibão de couro...



Esse menino era Arnaldo; e o gibão pertencia ao pai, o vaqueiro Louredo, que o deixara usar por estar velho e surrado. D. Flor, tomada também e em sua fantasia à idade feliz da inocência, olhava com espanto para aquêle pirralho. As recordações se sneciam no espirito de D. Flor, e a absorveram tanto que ao dar cõrto de si achou-se no poial da janela, onde não tinha lembrança de se haver sentado...

Ao tempo dessas cenas de infância, que reviviam agora na memória de D. Flor, o sertão de Quixeramobim era infestado pelas correrias de uma valente nação indígena que se fizera temida desde a Cratus até o Jaguaribe. Era a nação *Jucá*. Resolvera o capitão-mor castigar os ferozes gentios, que viam ameaçando a fazenda.

Fo.am os jucás!



Os *jucás* foram derrotados e seu chefe, o terrível Anhamum (nome que na lingua indigena significa "irmão do diabo"), ficou prisioneiro. Então mandou o capitão-mor conduzi-lo à Oiticica, onde foi metido no calabouço.



Arnaldo assistira ao combate e vira o denôdo do valente Anhamum, que lhe ganhou a admiração e a simpatia. E, quando ouviu dizer que o chefe dos *jucás* iria ser supliciado no dia seguinte, protestou a si mesmo salvar Anhamum.



O calabouço da fazenda ficava na extremidade do quartel. Era um poço coberto por um alçapão. Foi aí que atiraram Anhamum. Descido o alçapão, Aleixo Vargas, o Moirão, sentou-se em cima...

Se tu és irmão do diabo, pede a ele que te tire daí!



Fez-se a noite. Arnaldo desde a tarde trabalhava na empresa em que se empenhara. Tinha ele meses antes descoberto uma galeria subterrânea que ia das raízes da oiticica (por dentro do tronco) até a um certo lugar por baixo do quartel, próximo ao calabouço. Cavando uns palmos à sua esquerda, deu com a muralha do poço e sem mais demora começou a arrancar a argamassa com a ponta da faca e a tirar os tijolos. A meia-noite estava concluído seu trabalho. Anhamum ouvira rumor, percebera a natureza do trabalho e, sem compreender a que devia a salvação, esperou-a. Arnaldo conduziu o selvagem fora da caverna e apontou-lhe a floresta, pronunciando uma palavra tupi: "Taigoara!", que significa "lives!". O selvagem, com um dente de seu colar de guerra, sarjou a pele fazendo uma simbólica marca por cima do peito esquerdo e afastou-se proferindo uma palavra "coapara", cujo sentido só mais tarde Arnaldo veio a saber ser "camarada", "amigo". Horas depois se descobriu a evasão, que deixou a todos perplexos.

Tempos depois morreu Louredo. Arnaldo sofreu muito. E certa vez, passou fora oito dias. Foi dessa vez que, vagando pelo campo, encontrou atirado ao chão um homem quase agonizante. E que o velho, resolvido a deixar-se morrer, armara um laço, cruzara os pulsos nas costas e, metendo-os na corda, fizera disparar o nó que lhe atara as mãos. Arnaldo o desamarrou...

Arnaldo salvou o infeliz e o persuadiu a acompanhá-lo. Já — pois era ele — sentiu desde logo uma atração irresistível por esse menino. Já serviu de mestre a Arnaldo. Foi de já que Arnaldo recebeu conhecimentos irregulares, sem método e ligação, porém superiores aos que se encontravam no sertão por aquele tempo em pessoas do povo.

Quem o amarroni?

Eu mesmo.
Eu queria morrer...
Mas é horrível!
Tenho sede!

De onde
veio você?

Eu tinha uma cabana...
Os malditos puseram-lhe fogo
para queimar-me vivo!

De novo espalhará-se o terror pelos campos de Quixeramobim. Anhamum, o feroz chefe dos juca, voltará a frente de quinhentos arcas, e dessa vez para assaltar a Oiticica e tirar a desforra. O capitão-mor se preparou para receber os selvagens, os quais não se fizeram esperar. Uma noite chegaram eles à margem do rio Sitiá e, no dia seguinte, as casas da fazenda estavam cercadas. Acontece que «Moirão» foi aprisionado pelos índios e Arnaldo o salvou, graças ao reconhecimento de Anhamum. Arnaldo já sabia a língua dos selvagens, que aprendera com o velho Jó.

Quando cerceres
do braço de Anhamum,
envia-lhe esta seta,
que ele correrá
a defender-te!

Eram essas as recordações que D. Flor repassava na memória. Depois, ela refletiu...

Eu, a filha do capitão-mor Campelo, daqui em diante devo manter distância entre mim e meu irmão de leite! Não posso ver em um vaqueiro senão um agregado da fazenda! Nada mais que isso!



D. Genoveva chamou a filha e a levou à presença do capitão-mor, que esperava sentado no canapé.



linha filha, a senhora chegou à idade de tomar estado. Procuramos-lhe um marido, digno daquela a quem mais prezamos no mundo. Lembremo-nos de seu primo Leandro, filho do falecido Cosme Barbalho, homem de prola, a quem o filho não desmentiu nas obras.

Aceito, meu pai. Basta ser de sua escolha para que eu o tenha no melhor conceito.

A noite, pouco antes do toque de recolher chegaram à Oiticica dois viajantes: uma dama a cavalo e um velho a pé. A dama, que trajava de luto, ajoelhou-se aos pés do capitão-mor.



Sou uma desventurada que vem pedir ao capitão-mor agasalho e proteção contra meus perseguidores!

Agasalho terá. Proteção, a darei, se a merecer. Mas primeiro diga para o que a pede, mulher!

Campelo comunicou à filha que mandara um portador com carta ao Leandro Barbalho, o qual breve estaria na Oiticica.

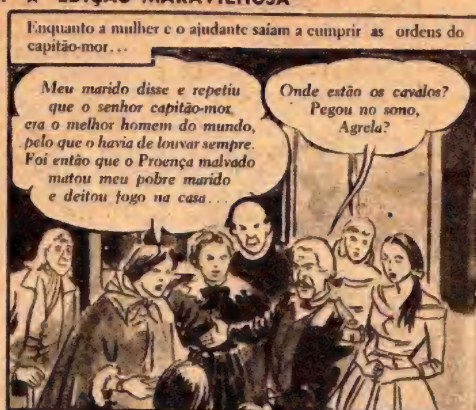
Com a justiça infaiável do senhor capitão-mor conto eu! Estou sem marido, e na maior penúria só porque em minha casa se venerava acima de tudo o nome do capitão-mor Gonçalo Pires Campelo!

Que diz, mulher?

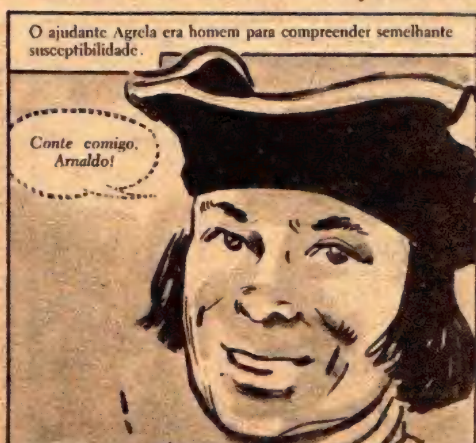


É verdade. Vossa senhora talvez não se lembre de meu marido, o Tomás Nogueira. Apareceu por lá, este ano, um tal Proença que foi tóda a nossa desgraça. Este homem, não sei por que, tinha raiva do senhor capitão-mor! Um dia, apressentou-se em nossa casa com três cabras, e...





D. Genoveva, apesar de habituada a essas sortidas, afligira-se com aquela partida tão precipitada. Não se animando a se opor diretamente à resolução do marido, incumbiu D. Flor da difícil missão. D. Flor apenas disse ao pai que seria dar muita importância a um vilão ir buscá-lo. Bastaria que uma escolta o fôsse prender... E o capitão-mor resolveu que mandaria o Agrela fazer isso.



Três dias tinham decorrido depois da partida de Agreda, que fôra ao lugar indicado pela viúva Agueda para prender o matador do marido desta. Agueda se se insinuara por tal modo na afeição de D. Flor que esta não a deixava. Alina, com ciúmes dessa preferência se afastava amuada; assim, passavam as duas a maior parte do dia a sós. A instância de Agueda, D. Flor saía com ela a passeio pelos arredores da casa. Arnaldo desde o primeiro dia acompanhou ocultamente esses passeios, pois desconfiava da verdadeira identidade de Agueda. E, na verdade, "a viúva" era uma impostora contratada pelo Luis Onofre, cabo da bandeira ao serviço de Marcos Frágoso! Ela era, na realidade, a cigana Rosinha, aquela mesma que deveria ajudar no rapto de D. Flor, por ocasião da fracassada emboscada ordenada por Frágoso. E o "velho" que agora a acompanhava era José, seu irmão e cúmplice de crimes.

Certa tarde, Agueda (ou Rosinha) convidou D. Flor para um passeio...



Entretimentos, Arnaldo estava longe, tendo ido procurar João...

...vai, pois, à taba dos jucás.
Fala com o chefe Anhamum.
Segue, João.
Eu vou à fazenda.

Dá-me a flecha
do chefe!



Escuta! Cavalos!
Contei trinta e um...

Uma escolta
a galope!



Arnaldo encaminhou-se direito à habitação da fazenda, tomado de cruel pressentimento. Em certo lugar encontrou sua mãe.

Onde está Flor?

Passou agora mesmo
com a viúva.
Para lá...

Corre, mãe,
e dize ao capitão-mor
que venha salvar a filha,
pois a querem roubar!



Flor! Roubar Flor! Senhor capitão-mor!
Acuda à sua filha! ACUDA À FLOR,
QUE A LEVAM! Ai, meu Jesus!



Afinal chegou a nova ao capitão-mor.



Que acontecera com D. Flor? Ela estava conversando com Agueda (Rosinha) à sombra de uma gamela quando...



Não me toque,
senhora!



Metendo a mão no corpete, sacou a cigana de um punhalzinho de lâmina fina e o brandiu sobre a cabeça da donzela. Quando o punhal descia sobre a espádua de Flor, abriu-se a folhagem e surgiu Arnaldo.



Tão medonho era o aspecto de Arnaldo que a cigana, ao vê-lo, fugiu espavorida, levando enlcada no braço a capa de D. Flor. A cigana tinha desaparecido. E as falas que já se ouviam dos cavaleiros advertiram a Arnaldo que para salvar D. Flor não havia um instante a perder. A poucos passos encontraram Jó que os buscava. Arnaldo levou a jovem a um fojo abandonado de caçador e a escondeu lá.

Entretanto, o capitão-mor continuava no encalço do cavaleiro que levava aquela que ele supunha ser sua filha. Já era noite, quando ele avistou o perseguido; e, ferrando as esporas no seu cavalo, atrozou os ares com um grito medonho. Respondeu-lhe uma voz de mulher: "Salve-me, capitão-mor, e a sua filha também, que lá ficou nas mãos do Fragoso!" Era a voz de Agueda! Campelo tinha estacado o cavalo e não sabia o que resolver. Foi D. Genoveva que tomou o alvite de retroceder.

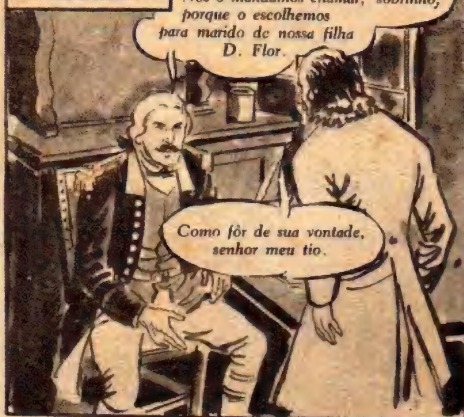
Quando Arnaldo conduziu Flor à casa da fazenda, ali acabava de chegar o Leandro Barbalho. Mais tarde é que chegaram o capitão-mor e D. Genoveva.



No dia seguinte...

Nós o mandamos chamar, sobrinho, porque o escolhemos para marido de nossa filha D. Flor.

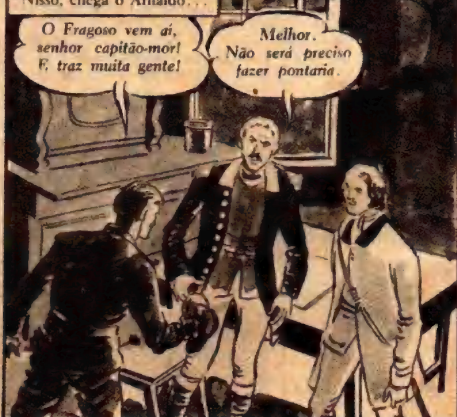
Como fôr de sua vontade, senhor meu tio.



Nisso, chega o Arnaldo...

O Fragoso vem aí, senhor capitão-mor! É, traz muita gente!

Melhor. Não será preciso fazer pontaria.



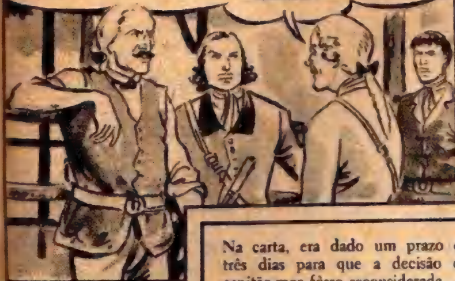
Uma hora depois do aviso de Arnaldo, avistou-se uma grande nuvem de poeira: era o Marcos Fragoso com sua bandeira. Depois de longa espera, apareceu uma pequena escolta que vinha do campo inimigo e se dirigia à Fazenda da Oticeica, agitando uma grande bandeira branca. O capitão-mor levantou o braço e apontou o bacamarte. Foi Arnaldo que lançou a mão ao cano da arma a tempo de evitar o tiro.

Atire em mim, senhor capitão-mor, não em sua mulher e sua filha que estão lá dentro fiadas na prudência, mais do que na coragem de vossa senhoria! Carecemos de ganhar tempo!



O Manuel Abreu foi ao encontro do emissário que vinha parlamentar. Não era outro senão o licenciado Ourém, que vinha pôr à prova sua diplomacia.

O séquito numeroso que trouxera o capitão Marcos Fragoso não foi para ameaçar e muito menos para atacar o dono da Oitica. Meu primo quis dar a conhecer as forças de que dispõe e com que ele se empregará no serviço de vossa senhoria.



Na carta, era dado um prazo de três dias para que a decisão do capitão-mor fosse reconsiderada. O padre Teles, depois de ler a carta, foi de opinião que não valia a pena resistir aos atacantes. Quanto a Leandro Barbalho...

Ourém compreendeu que nada mais ali tinha a fazer. Despediu-se e tornou ao campo do Fragoso. Ao cair da noite anunciou-se novo emissário, portador de uma carta do capitão Marcos Fragoso para o dono da Oitica.

O senhor sabe, meu tio, que eu não sirvo de embaraço à sua resolução. Obedeci-lhe, aceitando a mão de minha prima. Da mesma sorte lhe obedecerei não pensando mais nisso...



A mesma bizzaria teve meu primo vindo pedir ao senhor capitão-mor — como agora o faz por meu intermédio — a mão de sua formosa filha Dona Flor! Que decisão devo levar, senhor capitão-mor, ao meu primo?

A mesma que lhe dei a primeira vez: NÃO!



O capitão-mor chamou a filha em voz alta e mandou que o capelão lesse a carta de novo. Após isso...



Ouviu, Flor? Agora, que responde a esta carta?

Sua filha, meu pai, nunca seria esposa do homem que uma vez a insultou!

Entretanto, Amaldo, valendo-se da noite, rompera o cerco dos inimigos e fôra ao encontro do chefe Anhamum e seus guerreiros cuja aproximação pressentira.

Anhamum recebeu flecha que tu lhe mandaste. E soprou o bôre para convocar os seus guerreiros. Anhamum veio pelo rasto dos teus inimigos.



Es um amigo fiel! Teus guerreiros terão muitos inimigos a combater e muitas armas e roupas para levar à tua taba!

Combinou o sertanejo com o selvagem um plano de ataque. Despachou-se também um guerreiro para ir ao encontro do Agrela, que Amaldo supunha já estar àquela hora de volta. Amaldo regressava satisfeito à fazenda: tinha a sorte do Fragoso em sua mão. Imagine-se, pois, o golpe que o trespassou quando ficou sabendo que D. Flor consentia em se casar com o primo Leandro Barbalho.

Tinha nascido o sol. No patamar assomara o vulto do capitão-mor, que trajava a sua farda de veludo escarlate; com ele saíra D. Genoveva, também vestida de gala. Apareceu então D. Flor, radiante de formosura. Pousava a mão no braço de Leandro Barbalho, também trajado com apuro. A esse tempo, padre Teles saía da capela acompanhado do sacristão. Ia ser celebrado o casamento de D. Flor com Leandro Barbalho. O altar fóra armado ao ar livre, no terreiro.

Marcos Fragoso, com seus amigos, não compreenderam logo a significação da cena que tinham diante dos olhos.

É alguma ladainha que vão rezar... Por que não teriam ido para a capela?

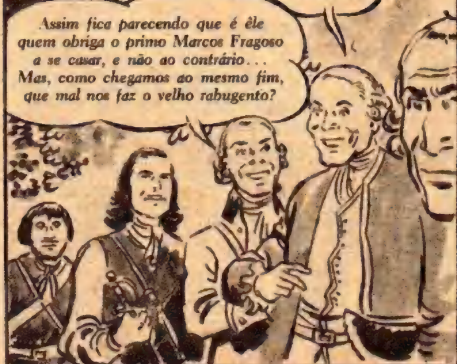
É que não caberiam todos lá dentro...

Pois diz-me aquele altar, primo Fragoso, que o capitão-mor cede à intimação porque não tem outro remédio. Mas quer fazer as coisas de modo que pareça que é ele quem ordena...



Boa maneira de se sair da entalção!

Assim fica parecendo que é ele quem obriga o primo Marcos Fragoso a se casar, e não ao contrário... Mas, como chegamos ao mesmo fim, que mal nos faz o velho rabugento?



Enquanto isso, lá no terreiro da fazenda, perante o altar...



Foi quando o sacerdote administrou a Santa Comunhão a D. Flor primeiro e a Leandro Barbalho depois, que Marcos Fragoso teve a súbita revelação do que era até ali um enigma para ele e seus companheiros.

INFERNO!
VÃO CASAR-SE!



Então, minha gente, começa o fandango! Quero ver essa pontaria! Na cabeça do padre, que é a causa de tudo! Sem padre, não se faz casamento!



A bandeira do Onofre, com o Marcos Frágoso à frente, deu a primeira descarga e carregou para avançar. Ao estrondo da fuzilaria, houve no terreiro da Oiticica uma confusão geral.

Mas o capitão-mor bradou com uma voz formidável...

Ao fogo, os da escolta! Ninguém mais se mova!

Padre, acabe a cerimônia!



O capitão-mor com a gente da escolta acudiu a postos. E travou o combate com os assaltantes. As descargas se sucediam com rapidez de um e outro lado, cruzando um fogo rolante que se tornava cada vez mais mortífero à proporção que diminuía a distância entre os dois bandos.

Mais rude e terrível combate era o que nesse instante se dava alma de Arnaldo. Crivado ao solo, no meio das balas que lhe zuniam aos ouvidos, os olhos saltando de D. Flor a Leandro Barbalho...



Entretanto, o capitão-mor disparava um após outro seus três famosos bacamartes o "Jacaré", o "Farol" e o "Trovão", que tinham tais nomes devido a terem, o primeiro, uma boca muito grande; o segundo, uma luz forte, ao ser disparado; e, o terceiro, a dar tiros que mais pareciam ribombos.



O sacerdote levantou a ponta da estola e ia unir a mão de D. Flor à de Leandro Barbalho. Mas não chegou a uni-las. Soara rápido um sibilar: uma seta fina, cortando os ares, picara a artéria cervical do sobrinho do capitão-mor. O mancebo caiu como que fulminado.



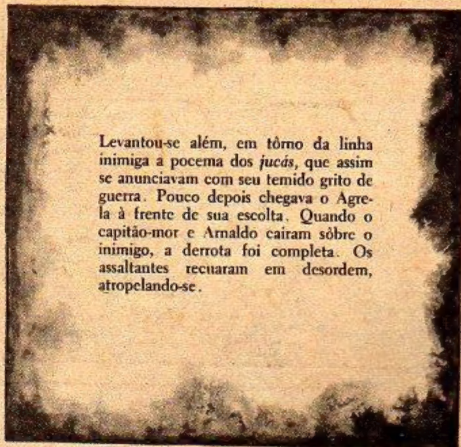
Mais tarde, a poucos passos da fazenda, Arnaldo se encontrou com o velho João.

Por que tardaste, João?

Esprei, para ver se Deus mandava uma bala que levasse Leandro Barbalho.



Levantou-se além, em tôrno da linha inimiga a pocema dos *jucás*, que assim se anunciavam com seu temido grito de guerra. Pouco depois chegava o Agrela à frente de sua escolta. Quando o capitão-mor e Arnaldo caíram sobre o inimigo, a derrota foi completa. Os assaltantes recuaram em desordem, atropelando-se.



O sertanejo se desforrava do tempo que perdera, imóvel, no terreiro, e pelejava por dez.



Enquanto Campelo, com Arnaldo e Agrela, apossava os fugitivos, o chefe Anhamum com seus guerreiros despojava os cadáveres, de que estava o campo juncado.



O corpo de Leandro Barbalho não foi encontrado. Foi só por tarde que o capitão-mor voltou de perseguir o inimigo, e já sabia pelo Agrela de tudo quanto Arnaldo fizera para prevenir o assalto e rechaçá-lo com vantagem. Assim, vendo aproximar-se o sertanejo, foi ao seu encontro.



Se o senhor capitão-mor promete dar-me o que deseje... peço a mão de Alina!

Essa lhe pertence, Arnaldo. Crie-a para ser sua esposa...

Não peço a mão de Alina para mim... mas para um coração nobre que a merece: o ajudante Agrela!



Um leve desmaio perpassara o formoso semblante de D. Flor. Quanto a Alina, sentira-se como envolta por uma chama. Foi cruel o desencanto de Alina quando, ao tomar a si da comoção produzida pelo pedido de Arnaldo, sentiu sua mão na mão do Agrela, onde a pusera o capitão-mor. Este ainda perguntou a Arnaldo o que desejava para si próprio...

Que o senhor capitão-mor me deixe beijar sua mão. Basta-me isso.

Tu és um homem, e de hoje em diante quero que te chames Arnaldo Louredo Campelo!



Era então ao pôr-do-sol. Flor, que pouco antes se apartara do grupo da família, fôra sentar-se no banco da oitica. Arnaldo aproximou-se.

Está triste, Flor?

Não se assuste, Alina. Juro que não aceitarei sua mão enquanto não me der de sua livre vontade!

Estou com pena do Leandro...

Querio-lhe... muito?

Era meu primo... E... e morreu por minha causa!



No transporte de júbilo que lhe inundou a alma, o sertanejo alçou as mãos cruzadas para render graças ao Deus que lhe conservava pura e imaculada a mulher de sua adoração.

O sertanejo interrogou o semblante de Flor...

Só?

Deus não quer que eu me case, Arnaldo!



FIM

As adaptações de romances ou obras clássicas para a EDIÇÃO MARAVILHOSA são apenas um "aperitivo", um deleite para o leitor. Se você gostou, procure ler o próprio livro, adquirindo-o em qualquer livraria. E organize a sua biblioteca — que uma boa biblioteca é sinal de cultura e bom gosto.

RELAÇÃO COMPLETA DE EDIÇÃO MARAVILHOSA

(CLÁSSICOS ILUSTRADOS)

- * N.º 1 — Os Três Moqueiros — Alexandre Dumas
 * N.º 2 — O Conde de Monte Cristo — Alexandre Dumas
 * N.º 3 — Ivenhol — Sir Walter Scott
 * N.º 4 — Moby Dick — Herman Melville
 * N.º 5 — Robin Hood — Anônimo
 * N.º 6 — A Ilha Misteriosa — Júlio Verne
 * N.º 7 — O Príncipe e o Mendigo — Mark Twain
 * N.º 8 — A Queda da Bastilha — Charles Dickens
 * N.º 9 — As Mil e Uma Noites — Lendas Árabs
 * N.º 10 — Vinte Mil Léguas Submarinas — Júlio Verne
 * N.º 11 — A Cabana do Pai Tomás — Harriet Beecher Stowe
 * N.º 12 — As Aventuras de Marco Pólo — Marco Pólo
 * N.º 13 — O Corcunda de Notre Dame — Victor Hugo
 * N.º 14 — Os Irmãos Corros — Alexandre Dumas
 * N.º 15 — 3 Mistérios Famosos — Maupassant, Poe e Conan Doyle
 * N.º 16 — Um Yankee na Corte do Rei Arthur — Mark Twain
 * N.º 17 — Os Últimos Dias de Pompéia — Edward Bulwer Lytton
 * N.º 18 — Robinson Crusoe — Daniel Defoe
 * N.º 19 — David Copperfield — Charles Dickens
 * N.º 20 — Viagens de Gulliver — Jonathan Swift
 * N.º 21 — O Morro dos Ventos Uivantes — Emily Brontë
 * N.º 22 — Raptado — Robert Louis Stevenson
 * N.º 23 — Miguel Strogoff — Júlio Verne
 * N.º 24 (2.ª Edição) — O Guarani — José de Alencar
 * N.º 25 — O Mascarado de Ferro — Alexandre Dumas
 * N.º 26 — A Flecha Negra — Robert Louis Stevenson
 * N.º 27 — Novelas — Edgar Allan Poe
 * N.º 28 — Vinte Anos Depois... — Alexandre Dumas
 * N.º 29 — A Família do Robinson Suíço — Johann Rudolf Wyls
 * N.º 30 — Alice no País das Maravilhas — Lewis Carroll
 * N.º 31 — Iracema — José de Alencar
 * N.º 32 — Aventuras de Benvenuto Cellini — Benvenuto Cellini
 * N.º 33 — Os Miseráveis — Victor Hugo
 * N.º 34 — O Médico e o Monstro — Robert Louis Stevenson
 * N.º 35 — Tom Sawyer — Mark Twain
 * N.º 36 — A Tulipa Negra — Alexandre Dumas
 * N.º 37 — A Volta do Mundo em 80 Dias — Júlio Verne
 * N.º 38 — Os Mistérios de Paris — Eugène Sue
 * N.º 39 — O Homem Que Ri — Victor Hugo
 * N.º 40 — O Castelo Invenível — R. D. Blackmore
 * N.º 41 — Grandes Esperanças — Charles Dickens
 * N.º 42 — O Homem Sem Pátria — Everett Hale
 * N.º 43 — Trabalhadores do Mar — Victor Hugo
 * N.º 44 (Extra) — Capitão Blood — Rafael Sabatini
 * N.º 45 — Cyrano de Bergerac — Edmond Rostand
 * N.º 46 — O Tronco do Ipê — José de Alencar
 * N.º 47 (Extra) — Beau Geste — P. C. Wren
 * N.º 48 — A Mansão das Sete Camélias — Nathaniel Hawthorne
 * N.º 49 — Frankenstein — Mary W. Shelley
 * N.º 50 (Extra) — Scaramouche — Rafael Sabatini
 * N.º 51 — O Lobo do Mar — Jack London
 * N.º 52 — O Escarvalho de Ouro e Outros Contos — Edgar Allan Poe
 * N.º 53 (Extra) — Ela, a Feticheira — Sir Henry Ridder Haggard
 * N.º 54 — O Prisioneiro de Zenda — Anthony Hope
 * N.º 55 — Mowgli, o Menino Lobo — Rudyard Kipling
 * N.º 56 (Extra) — O Pimpinal Escarlate — Baronesa de Orczy
 * N.º 57 — Ubijagers — José de Alencar
 * N.º 58 — A Dama do Lago — Sir Walter Scott
 * N.º 59 (Extra) — Quo Vadis? — Henryk Sienkiewicz
 * N.º 60 — Três Obras Completas — W. Shakespeare
 * N.º 61 — Sob Duas Bandeiras — Maria Louisa de La Ramée (Ouida)
 * N.º 62 (Extra) — Amor de Perdição — Camilo Castelo Branco
 * N.º 63 — Oliver Twist — Charles Dickens
 * N.º 64 — Nada de Novo na Frente Ocidental — Erich Maria Remarque
 * N.º 65 (Extra) — Ben-Hur — Lew Wallace
 * N.º 66 — Crime e Castigo — F. Dostoiévski
 * N.º 67 — O Morgado de Ballantrae — Robert Louis Stevenson
 * N.º 68 (Extra) — Os 39 Degraus — John Buchan
 * N.º 69 — Jane Eyre — Charlotte Brontë
 * N.º 70 — O Cão dos Baskervilles — Conan Doyle
 * N.º 71 (Extra) — A Moreninha — Joaquim Manoel de Macedo
 * N.º 72 — Cantos Brancos — Jack London
 * N.º 73 — A Glória de Um Covo — Stephen Crane
 * N.º 74 (Extra) — Svengali — George du Maurier
 * N.º 75 — A Mulher de Branco — William Wilkie Collins
 * N.º 76 — Os Pioneiros — James Fenimore Cooper
 * N.º 77 (Extra) — A Marca do Zorro — Johnston McCulley
 * N.º 78 — A Ilíada e a Odisseia — Homero
 * N.º 79 — O Diamante Fatal — William Wilkie Collins
 * N.º 80 (Extra) — O Monge de Cister — Alexandre Herculano
 * N.º 81 — O Claustro e o Lar — Charles Reade
 * N.º 82 — Dois Anos no Pá do Mastro — Richard Henry Dana Junior
 * N.º 83 (Extra) — O Gaúcho — José de Alencar
 * N.º 84 — Da Terra à Lua — Júlio Verne
 * N.º 85 — As Minas do Rei Salomão — Sir Henry Ridder Haggard
 * N.º 86 (Extra) — Cabocla — Ribeiro Couto
 * N.º 87 — Júlio César — William Shakespeare
 * N.º 88 — Guilherme Tell — Frederick Schiller
 * N.º 89 (Extra) — Cangaceiros — José Luis do Rego
 * N.º 90 — Salomê — Gustave Flaubert
 * N.º 91 — A Compadecida Branca — A. Conan Doyle
 * N.º 92 (Extra) — A Escrava Isaura — Bernardo Guimarães

Os números precedidos por um asterisco (*) estão esgotados, mas serão reeditados oportunamente.
 O preço de qualquer dos números atrasados é de Cr\$ 5,00.
 Preço de venda avulsa: Cr\$ 5,00.
 Preço de assinatura anual: Cr\$ 90,00 (12 números normais e 6 extras).
 Pedidos de números atrasados podem ser pagos em carta, que deve ser Registrada com valor declarado.
 Pagamentos de assinatura devem ser feitos em Cheque Visado, Vale Postal ou Carta com Valor Declarado.



EDITORA BRASIL-AMÉRICA LIMITADA
 Rua General Almirante de Moura, 302 — (São Januário) — Rio de Janeiro
 Distrito Federal